

**OS PROCESSOS DE UMA CATÁSTROFE HUMANA: DISCUSSÕES SOBRE A OBRA OS AFOGADOS E OS SOBREVIVENTES, DE PRIMO LEVI****THE PROCESSES OF A HUMAN CATASTROPHE: DISCUSSIONS ON THE WORK THE DROWNED AND THE SAVED, BY PRIMO LEVI****LOS PROCESOS DE UNA CATÁSTROFE HUMANA: DISCUSIONES SOBRE LA OBRA LOS AHOGADOS Y LOS SALVADOS, DE PRIMO LEVI**

10.56238/revgeov17n1-075

**Carolina Izabela Dutra de Miranda**

Doutora em Letras

Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais

E-mail: carolina.dutra@educacao.mg.gov.br

**RESUMO**

Ao comentar a famosa e impactante frase de Theodor Adorno “escrever poesia depois de Auschwitz é um sinal de barbárie” (ADORNO, 1995, p.119), Geoffrey Hartman propõe que a arte pode criar um efeito de irrealidade que não é alienador ou dessensibilizador. A arte poderia oferecer um lugar para afetividade e para sofrimento das vítimas dessa barbárie. Assim, em seu texto “Holocausto, testemunho, arte e trauma” (2000), o estudioso reafirma a necessidade da importância de falar e de escrever sobre a catástrofe do holocausto, não apenas pelos os sobreviventes, mas por todos, para que a história não se repita. Essa catástrofe será o tema das obras de Primo Levi, formado em química, que foi levado ao campo de Auschwitz ainda jovem, por volta dos 25 anos, e publicou seu primeiro livro de memórias sobre o holocausto em 1947, *Isto é um homem?*. Na obra *Os Afogados e os sobreviventes* (2016), o italiano fascina por sua escritura bem-acabada, reflexiva e detalhada que indica a existência um senso comum presente na mentalidade social no contexto do Nazismo. Partindo de tal contexto como objeto de estudo, Walter Benjamin propõe a ideia de que a história a receber o crédito ao longo das civilizações é sempre a história dos vencidos, dos dominadores. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é inter-relacionar as perspectivas de história e catástrofe de Walter Benjamin, presentes no texto “Teses sobre o conceito de história” (1940), à obra *Afogados e sobreviventes* (1986), de Primo Levi. A partir de tal discussão serão analisados aspectos como a catástrofe humana, a coisificação e a proximidade com a “animalização” tratadas por Primo Levi em sua obra. Também serão correlacionadas as proposições de Márcio Seligmann acerca dos aspectos trabalhados por Walter Benjamin, como a literatura de testemunho e a catástrofe.

**Palavras-chave:** Primo Levi. Holocausto. Testemunho.**ABSTRACT**

Commenting on Theodor Adorno's famous and impactful phrase, "to write poetry after Auschwitz is a sign of barbarity" (ADORNO, 1995, p. 119), Geoffrey Hartman proposes that art can create an effect of unreality that is neither alienating nor desensitizing. Art could offer a space for the affectivity and suffering of the victims of this barbarity. Thus, in his text "Holocaust, Testimony, Art and Trauma" (2000), the scholar reaffirms the necessity and importance of speaking and writing about the



catastrophe of the Holocaust, not only by the survivors, but by everyone, so that history does not repeat itself. This catastrophe will be the theme of the works of Primo Levi, a chemistry graduate who was taken to the Auschwitz camp as a young man, around the age of 25, and published his first memoir about the Holocaust in 1947, *\*If This Is a Man\**. In his work *\*The Drowned and the Saved\** (2016), the Italian author fascinates with his well-crafted, reflective, and detailed writing, which indicates the existence of a common sense present in the social mentality within the context of Nazism. Starting from this context as an object of study, Walter Benjamin proposes the idea that the history that receives credit throughout civilizations is always the history of the vanquished, of the dominators. Therefore, the objective of this work is to interrelate Walter Benjamin's perspectives on history and catastrophe, present in the text "Theses on the Concept of History" (1940), with Primo Levi's work *\*The Drowned and the Saved\** (1986). From this discussion, aspects such as human catastrophe, objectification, and the proximity to "animalization" addressed by Primo Levi in his work will be analyzed. The propositions of Márcio Seligmann regarding the aspects worked on by Walter Benjamin, such as testimonial literature and catastrophe, will also be correlated.

**Keywords:** Primo Levi. Holocaust. Testimony.

## RESUMEN

Al comentar la famosa e impactante frase de Theodor Adorno: «Escribir poesía después de Auschwitz es un signo de barbarie» (ADORNO, 1995, p. 119), Geoffrey Hartman propone que el arte puede crear un efecto de irrealidad que no es alienante ni desensibilizante. El arte podría ofrecer un espacio para la afectividad y el sufrimiento de las víctimas de esta barbarie. Así, en su texto «Holocausto, testimonio, arte y trauma» (2000), el académico reafirma la necesidad e importancia de hablar y escribir sobre la catástrofe del Holocausto, no solo por parte de los sobrevivientes, sino por todos, para que la historia no se repita. Esta catástrofe será el tema de las obras de Primo Levi, un licenciado en química que fue llevado al campo de Auschwitz cuando era joven, alrededor de los 25 años, y publicó sus primeras memorias sobre el Holocausto en 1947, «Si esto es un hombre». En su obra *\*Los hundidos y los salvados\** (2016), el autor italiano fascina con su escritura elaborada, reflexiva y detallada, que indica la existencia de un sentido común presente en la mentalidad social en el contexto del nazismo. Partiendo de este contexto como objeto de estudio, Walter Benjamin propone la idea de que la historia que se reconoce en todas las civilizaciones es siempre la historia de los vencidos, de los dominadores. Por lo tanto, el objetivo de este trabajo es interrelacionar las perspectivas de Walter Benjamin sobre la historia y la catástrofe, presentes en el texto "Tesis sobre el concepto de historia" (1940), con la obra de Primo Levi *\*Los hundidos y los salvados\** (1986). A partir de esta discusión, se analizarán aspectos como la catástrofe humana, la cosificación y la proximidad a la "animalización" abordada por Primo Levi en su obra. También se correlacionarán las propuestas de Márcio Seligmann sobre los aspectos trabajados por Walter Benjamin, como la literatura testimonial y la catástrofe.

**Palabras clave:** Primo Levi. Holocausto. Testimonio.



## 1 INTRODUÇÃO

“A arte cria um efeito de irreabilidade que não é alienador ou dessensibilizador. No melhor dos casos, ela também fornece algo como uma casa segura para a emoção e para a empatia.” (HARTMAN, 2000, p. 220). Ao comentar a famosa e impactante frase de Theodor Adorno “escrever poesia depois de Auschwitz é um sinal de barbárie” (ADORNO, 1995, p.119), Geoffrey Hartman propõe que a arte pode criar um efeito de irreabilidade que não é alienador ou dessensibilizador. A arte poderia oferecer um lugar para afetividade e para sofrimento das vítimas dessa barbárie. Assim, em seu texto “Holocausto, testemunho, arte e trauma” (2000), o estudioso reafirma a necessidade de importância de falar e escrever sobre a catástrofe do holocausto não apenas pelos os sobreviventes, mas por todos, para que a história não se repita.

O objetivo deste trabalho é inter-relacionar as perspectivas de história e catástrofe de Walter Benjamin à obra *Afogados e sobreviventes* (1986), de Primo Levi. Para tanto, serão discutidas partes do texto “Teses sobre o conceito de história” (1940). A partir de tal discussão serão analisados aspectos como a catástrofe humana, a coisificação e a proximidade com a “animalização” tratadas por Primo Levi em sua obra. Também serão correlacionadas as proposições de Márcio Seligmann acerca dos aspectos trabalhados por Walter Benjamin, como a literatura de testemunho e a catástrofe. Por fim, objetiva-se culminar na reflexão a respeito da necessidade e importância dos estudos sobre o holocausto para a presente geração e para as futuras.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 UMA NOVA PERSPECTIVA DE ESTUDO DA HISTÓRIA DAS CATÁSTROFES

Na obra *Aviso de incêndio* (2005), Michael Lowy contextualiza a produção do texto “Teses sobre o conceito de história” (1940), de Walter Benjamin, explicitando que o mesmo foi escrito durante a década de 1940, um pouco antes da tentativa do teórico de fugir da França, ser capturado pela Gestapo e cometer o suicídio. Essa obra de Benjamin realiza críticas ao positivismo, a forma como o historicismo tradicional constrói seu discurso, além de conter reflexões sobre o marxismo e o contexto político e histórico contemporâneos ao autor.

Em sua primeira tese, Walter Benjamin propõe o tema central do texto que será a discussão sobre como o historicismo constrói o discurso sobre a história por meio de uma visão dos dominadores. Essa tese será explicitada através da metáfora irônica do boneco manipulado que controla o jogo de xadrez: “A vitória está sempre reservada ao boneco a que se chama ‘materialismo histórico’. Pode desafiar qualquer um se tiver ao seu serviço a teologia [...]” (BENJAMIN, 2016, p.9) O teórico propõe que é preciso lutar contra a visão positivista da história como uma sucessão de vitórias e, ainda, que é preciso lutar contra o inimigo histórico, as classes dominantes. No contexto de 1940, essa classe poderá ser associada diretamente ao fascismo.



Em sua segunda tese, Benjamin especifica sua teoria sobre a história, tratando da ideia de que a história deve levar a uma redenção do passado sobre o presente: “Por outras palavras: na ideia que fazemos da felicidade vibra também inevitavelmente a da redenção. O mesmo se passa com a ideia de passado de que a história se apropriou. O passado traz consigo um index secreto que o remete para a redenção” (BENJAMIN, 2016, p.10). Ou seja, é preciso haver uma análise do passado, da herança deixada pelas batalhas e derrotas das antigas gerações. Para Benjamin, a humanidade deverá fazer sua própria redenção, que poderá ser lida e inter-relacionada ao marxismo, explicitando que a libertação dos trabalhadores será obra deles mesmos. Essa redenção mostra também um dos aspectos que torna Benjamin um crítico de destaque em sua época: ele é um teórico que fala sobre sua história contemporânea, sobre a necessidade de ver e de discutir a história do presente, e não somente olhar para o passado como a única matéria possível da história. Em sua terceira tese, o teórico destaca a forma como se olha e se valoriza os acontecimentos do passado: “O cronista, que narra os acontecimentos em cadeia, sem distinguir entre grandes e pequenos, faz jus à verdade, na medida em que nada do que uma vez aconteceu pode ser dado como perdido para a história. [...] só para a humanidade redimida o passado se tornará citável em cada um dos seus momentos.” (BENJAMIN, 2016, p.10) Ou seja, é necessário se voltar para as lutas, os sonhos e as batalhas do passado como uma espécie de testamento para a política e os movimentos sociais presentes. A história do passado somente fará sentido se contribuir, em certa medida, para o estudo do presente. Em sua quarta tese, Walter Benjamin crítica explicitamente os historicistas que veem a história como uma espécie de evolução dos fatos, e terminam por tratar da história como se fosse uma sucessão de vitórias dos poderosos. O teórico defende uma história que englobe o ponto de vista dos vencidos, dos oprimidos e dos explorados.

Em recepção a obra de Walter Benjamin, Márcio Seligmann-Silva, propõe em sua coletânea *História, memória, testemunho: o testemunho na era das catástrofes* (2003), que ao sugerir uma história que se volte para a visão dos vencidos, Benjamin se posiciona contra o historicismo que apenas reproduz a alienação em relação a experiência e o indivíduo moderno. Para Seligmann, o teórico alemão reafirma a força do trabalho da memória que se posiciona contra o historicismo. “Benjamin reafirmou a força do trabalho da memória: que “a um só tempo destrói os nexos (na medida em que trabalha a partir de um conceito forte de presente) e (re)inscreve o passado no presente.” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p.389). Ao construir a história como base em testemunhos de indivíduos e seus vários pontos de vista, que englobariam a visão dos oprimidos, Benjamin propõe uma reescrita da história que se construiria por meio de camadas.

É justamente a visão dos vencidos expressa por meio de um relato que resgata a memória que será observada na obra *Os Afogados e os sobreviventes* (2016), de Primo Levi. O italiano, formado em química, que foi levado ao campo de Auschwitz ainda jovem, por volta dos 25 anos, publicou seu



primeiro livro de memórias sobre o holocausto em 1947, *Isto é um homem?* (1988). Anos mais tarde, escreve a presente obra a ser analisada neste trabalho. Em seu relato a escritura bem-acabada, reflexiva e detalhada chama a atenção e de fato, indica a existência um senso comum presente na mentalidade social. A ideia de que a história ao receber o crédito ao longo das civilizações é sempre a história dos vencidos, dos dominadores. Esse aspecto é explicitado quando o químico narra a fala de um soldado da SS:

Talvez haja suspeitas, discussões, investigações de historiadores, mas não haverá certezas, porque destruiremos as provas junto com vocês. E ainda que fiquem algumas provas e sobreviva alguém, as pessoas dirão que os fatos narrados são tão monstruosos que não merecem confiança: dirão que são exageros da propaganda aliada e acreditarão em nós, que negaremos tudo, e não em vocês. Nós é que ditaremos a história dos Lager. (LEVI, 2016, p.7)

A fala do soldado nazista traduz uma visão historicista que foi reproduzida durante anos e será questionada por Benjamin, de que a voz é sempre dada aos opressores e vencedores e nunca aos oprimidos e vencidos.

Em sua quinta tese o teórico alemão dá continuidade à sua crítica a visão historicista tradicional, porém tratando agora dos aspectos relacionados ao tempo, a forma de tratar passado e presente. Nesse contexto, Benjamin propõe que seja estudado o que chama de constelação. De acordo o Michael Lowy (2005), a constelação seria a crítica que um fragmento do passado forma especificamente com um tempo presente. Depreende-se, segundo Lowy, que enquanto a história não pára, não se pode dizer a última palavra sobre o passado. Dessa forma, o historiador seria visto com “um indivíduo que corre sempre o risco de não ser compreendido em sua época.” (LOWY, 2005, p.64). Para Benjamin a história é um processo ininterrupto, em sua sexta tese ele irá destacar o perigo de se fazer uma história somente do sujeito histórico atual, das classes dominantes.

Articular historicamente o passado não significa reconhecê-lo “tal como ele foi”. Significa apoderarmo-nos de uma recordação (*Erinnerung*) quando ela surge como um clarão num momento de perigo. [...] Para ambos, esse perigo é um e apenas um: o de nos transformarmos em instrumentos das classes dominantes. (BENJAMIN, 2016, p.11)

A história tradicional teria sempre transformado as classes populares em instrumento das classes dominantes, o que estaria relacionado a ascensão do nazismo na Europa. Essa perspectiva de uma história que privilegia as classes dominantes, permanecerá no centro da discussão das teses, quando Benjamin introduz o que chama de “identificação afetiva”, acusando o historicismo de se identificar sempre com os vencedores e não expressar o ponto de vista e o papel ocupado pelos vencidos. De acordo, com Michael Lowy, essa identificação estaria associada a “acedia”: “termo latino que significa indolência do coração, a melancolia” (LOWY, 2005, p.71). A acedia levaria os indivíduos a uma submissão total as coisas que existem, dessa forma os historicistas demonstram uma visão



empática ao dominador, em que o melancólico, o dominado se submete as forças do poder já vigente. Na sétima tese, Benjamin trata de um patrimônio cultural advindo de uma tradição que valoriza os opressores, mas que não poderia existir sem o trabalho e a presença dos oprimidos. “Porque ela deve a sua existência não apenas ao esforço dos grandes gênios que a criaram, mas também à escravidão anônima dos seus contemporâneos. Não há documento de cultura que não seja também documento de barbárie.” (BENJAMIN, 2016, p.12-13). Ou seja, todo documento histórico é a comprovação do acontecimento de uma catástrofe, da opressão e da barbárie. É por isso que cabe aos historiadores ir contra a versão oficial do progresso, enxergar a contramão das novas guerras, recusar a identificação com os heróis, cumprindo “a missão de escovar a história a contrapelo. (BENJAMIN, 2016, p.12-13).

Primo Levi em algumas de suas obras cita as correspondências que trocou com seus leitores e as perguntas feitas por pessoas que escutaram o seu relato, conta sobre um questionamento comum pronunciado aos sobreviventes do holocausto: Mas porque vocês não se rebelaram? Havia um número muito maior de prisioneiros do que de guardas da SS, porque vocês não tentaram lutar? Esses questionamentos, em certa medida cruéis e covardes, podem ser respondidos com as reflexões do próprio Levi em *Os afogados e os sobreviventes* (1986), quando ele questiona justamente a consonância de grande parte da sociedade alemã com os ditadores nazistas, com o poder vigente. Apesar das várias provas e suspeitas, boa parte da sociedade apoiou e não questionou os opressores nazistas em suas práticas de barbárie, em grande parte motivadas pela busca do lucro:

Outras indústrias, ou talvez as mesmas, lucravam com fornecimentos ao próprio Lager: madeira, materiais de construção, tecido para o uniforme listrado dos prisioneiros, vegetais desidratados para a sopa, etc. Os fornos crematórios mesmos tinham sido projetados, construídos, montados e testados por uma empresa alemã, a *Topf de Wiesbaden* (ainda em atividade até 1975: construía fornos para uso civil, sem considerar oportuno modificar a razão social.) É difícil pensar que o pessoal dessas empresas não se desse conta do significado expresso pela qualidade ou pela quantidade das mercadorias e dos equipamentos que eram encomendados pelos comandos SS. A mesma argumentação se pode fazer, e foi feita, em relação ao fornecimento de veneno empregado nas câmaras de gás de Auschwitz: o produto, substancialmente ácido cianídrico, há muitos anos era usado para a desinfecção dos porões de embarcações, mas o brusco aumento da encomendas a partir de 1942 não podia passar inobservado. Devia gerar dúvidas, e certamente gerou, mas elas foram sufocadas pelo medo, pela afeição de lucro, pela cegueira e estupidez voluntária que mencionamos, e em alguns casos (provavelmente poucos) pela fanática obediência nazista. (LEVI, 2016, p.11)

O relato de Primo Levi indica a que, se nem a maioria da sociedade alemã, que estava fora dos campos, reagiu ao nazismo, como eles prisioneiros de guerra, violentados, subnutridos, humilhados e, muitas vezes, doentes reagiriam ao exército SS e ao regime totalitário de Hitler? O testemunho do italiano demonstra na prática a construção do discurso histórico almejado por Benjamin, englobando as visões e os papéis exercidos pelos vencidos e oprimidos.

Márcio Seligmann propõe em sua obra *História, memória, testemunho: o testemunho na era das catástrofes* (2003), que para Benjamin a historiografia deve deixar de ser uma narração de sucessos





e deve se tornar uma narração de fragmentos, de ruínas. Essas representariam a síntese paradigmática de tempo e espaço. “A visão – barroca – da história como um amontoado de ruínas – descrita tanto no livro sobre o drama barroco alemão, como nas teses ‘Sobre o conceito de história’ – indica um primeiro sentido do conceito de catástrofe que permeia toda reflexão histórica de Benjamin.”. (SELIGMANN-SILVA, 2003, p.389). Na obra *Catástrofe e representação* (2000), Seligmann esclarece que o teórico alemão compreende a catástrofe como uma ruptura absoluta que implica na destruição e no desmoronamento da história, levando a sua redenção. O estudioso explica que a palavra catástrofe “vem do grego e significa, literalmente, ‘virada para baixo’ (kata + strophé). Outra tradução possível é ‘desabamento’ ou ‘desastre’; ou mesmo o hebraico Shoah, especialmente apto no contexto.”. (SELIGMANN-NESTROVSKI, 2000, p.8) A catástrofe provocaria o trauma, outro conceito grego que significa ferimento. “‘Trauma’ deriva, ‘da raiz indo-européia com dois sentidos: ‘friccionar, triturar, perfurar’; mas também ‘suplantar’, ‘passar através de’.” (SELIGMANN-NESTROVSKI, 2000, p.8). Constrói, portanto, uma contradição em que o elemento que perfura e fere é ao mesmo tempo o que faz suplantá-lo, chegar a cura, deflagrando o paradoxo da experiência catastrófica. Dessa forma, narrar a experiência traumática vivida durante a catástrofe é uma forma de curar-se, de entender o passado monstruoso para reintegra-se daquele sofrimento causado pela experiência do horror.

A concordância das classes altas, industriais e comerciais com o nazismo, exposta por Primo Levi será aprofundada por Benjamin em sua oitava tese, ao propor que é preciso lutar contra o estado de exceção, pois a tradição parece ensinar que a opressão realizada pelo estado de exceção é uma regra. “Temos de chegar a um conceito de história que corresponda a essa ideia. Só então se perfilará diante dos nossos olhos, como nossa tarefa, a necessidade de provocar o verdadeiro estado de exceção; e assim a nossa posição na luta contra o fascismo melhorará.”. (BENJAMIN, 2016, p.13). Essa tradição normaliza a opressão, a violência e a barbárie como se fossem as fases de um processo inevitável de progresso. O teórico desenvolve a crítica do estado de exceção, destacando seu ponto de vista em relação aos outros historiadores de sua época: Benjamin acredita que se deve estudar a história do presente e não apenas a história do passado. Para o teórico alemão o fascismo é um vestígio do passado, o fascismo mantém relação com a sociedade industrial e capitalista, sendo assim um fenômeno moderno. Por isso o fascismo triunfa nos países mais desenvolvidos, abolindo completamente a ideia de classes.

O relato e a análise da estrutura social de poder dentro do campo, por primo Levi, permite aos leitores uma nova perspectiva sobre a dinâmica de funcionamento dessas organizações que eram terríveis “máquinas da morte”. E permite também outras interpretações, quando Levi destaca, por exemplo, que muitos dos sobreviventes homenageados e vistos como vítimas do holocausto pela sociedade no pós-segunda guerra, somente sobreviveram justamente por fazer parte do grupo de prisioneiros privilegiados. Aspecto que tece um caráter paradoxal a narrativa histórica.



## 2.2 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA DE TESTEMUNHO

É justamente nos fragmentos contraditórios, nas ruínas a serem revisitadas, que Benjamin vê uma forma autêntica de realizar um estudo da história e das catástrofes da humanidade, sobretudo as de seu tempo. Na obra *O local da diferença* (2005), Márcio Seligmann destaca que o evento da Shoah aparece como central nas teorias sobre o testemunho. Para o estudioso: “O evento catastrófico é um evento singular porque, mais do que qualquer fato histórico, do ponto de vista das vítimas e das pessoas nele envolvidas, ele não se deixa reduzir em termos do discurso.” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p.84). Em outra coletânea, *Catástrofe e representação* (2000), o pesquisador complementa que a catástrofe, a memória e o trauma se traduzem por meio do testemunho sem se deixar capturar pelo pensamento ou pelo discurso. Assim, para o leitor ou intérprete, o dilema será compreender a natureza do que foi vivido. “Se Habermas escreve, então, que Auschwitz ‘mudou as bases para a continuidade das condições de vida na história’, é precisamente porque esse evento desafia, para sempre, as formas de pensar, elaborar, representar – e não só no que tange ao holocausto.” (SELIGMANN\NESTROVSKI, 2000, p.10) Assim, a Shoah será vista pelo estudioso como um evento limite, devido a impossibilidade de sua representação, uma catástrofe intensa e devastadora que reorganiza a reflexão sobre o real e sobre a possibilidade de representá-lo. O testemunho é marcado pela literalização e fragmentação, em que a literalização seria a incapacidade de traduzir o vivido. Já a fragmentação seria uma forma de literalizar a psique cindida pela traumatização e a representação que ele apresenta ao leitor. A cena do testemunho será normalmente caracterizada como a cena de um tribunal, e por isso, também será considerado um documento histórico. Esse documento histórico é o documento de cultura, de barbárie, a que Benjamin se refere, e que tentará reconstruir a experiência de viver e contemplar a catástrofe.

*Os afogados e os sobreviventes* (1986), será uma dentre as muitas obras que relatam a experiência do holocausto em que será observada a descrição e narração dos processos de desumanização, coisificação e um processo próximo a “animalização” dos prisioneiros, sobretudo os judeus. A maior catástrofe que se deflagra aqui será a catástrofe humana, o “deixar de se sentir humano” pelos prisioneiros, que culminará no trauma.

## 2.3 OS PROCESSOS DA CATÁSTROFE HUMANA

Ao se referir a obra *Isto é um homem?* (1988), primeira obra de testemunho de Primo Levi, Seligmann em *O local da diferença* (2005), destaca uma fala do escritor sobre a impossibilidade de descrever o terror do holocausto, destacando a impotência das palavras diante do testemunho “a nossa língua não tem palavras para expressar esta ofensa, a aniquilação de um homem’, ele escreveu.”. (LEVI, 1990, p.51. *apud* SELIGMANN-SILVA, 2005, p.78). A aniquilação e ofensa referidas por Levi podem ajudar a entender o que sugere o próprio título da obra: a pergunta sobre ser um homem pode ser compreendida como o questionamento daquele que vive processos intensos de violência,





humilhação e desumanização em Auschwitz. Esse processo de desumanização será diretamente citado por Levi em *Os afogados e os sobreviventes* (1986):

Era uma consequência lógica do sistema: um regime desumano difunde e estende sua desumanidade em todas as direções, inclusive e especialmente para baixo; salvo as resistências e tropas especiais, também corrompe suas vítimas e seus opositores. A inútil crueldade do pudor violado condicionava a existência de todos os Lager. As mulheres de Birkenau contam que, uma vez obtida uma gamela (uma grande vasilha esmaltada), dela deviam se servir para três usos distintos: para tomar a sopa cotidiana; para evacuar à noite, quando o acesso a latrina era vedado; e para se lavarem, quando havia água nos lavabos. (LEVI, 2016, p.91-92)

Essa falta de instrumentos cotidianos que conduz a humilhação, será retratada novamente por Levi ao se referir a escassez de talheres, já que quando se entrava no campo nada se poderia levar, os prisioneiros iniciantes eram lavados ao exercício, quase animalesco, de comer a sopa com as mãos e sorver os seus restos direto da gamela. Os talheres só poderiam ser obtidos por meio de compra ilegal, em que o prisioneiro teria de deixar de comer o pão matutino ou tomar a sopa do almoço para dar o suprimento como forma de pagamento ao vendedor. O que leva ao sofrimento do prisioneiro já que a “ração diária” era insuficiente para dieta de duas mil calorias mínimas necessárias ao suplemento do corpo humano. Porém, ao ser libertado de Auschwitz, Levi relata que “encontramos nos depósitos, milhares de colheres novíssimas de plástico, além de dezenas de milhares de colheres de alumínio, de aço e até de prata, [...] Não se tratava, portanto, de uma questão de economia, mas de uma intenção precisa de humilhar.”. (LEVI, 2016, p.93)

O processo de humilhação e violência que levaria a uma desumanização dos prisioneiros judeus será tratado por Adrián Cangi em seu artigo “Imagens do horror. Paixões tristes.” (2003), O estudioso destaca que não apenas o testemunho de Primo Levi, mas também, as obras de Elie Wiesel e Hannah Arendt contribuíram para a compreensão desse processo realizado de modos diversos em que ódio é despojado de maneira banal, por meio de uma violência inútil destinada a causar a dor do supliciado. Para Cangi, os corpos dos carrascos não apenas rompem um limite, mas se colocam em um ato criminal, demonstram a potência dos instrumentos de uma grande máquina letal, que levaria a morte no campo, pela violência ou pelas câmaras de gás. De acordo com Levi, esse processo de rebaixamento, aviltamento, fazia parte de um sistema contra reacionário que tinha o objetivo primário de romper a capacidade de resistência dos adversários. Esse procedimento se iniciava na entrada do prisioneiro no campo, que era visto como um ‘germe’. Nesse processo de “iniciação” o prisioneiro é submetido aos “chutes e os murros desde logo, muitas vezes no rosto; a orgia de ordens gritadas com cólera autêntica ou simulada; o desnudamento total; a raspagem dos cabelos; a vestimenta de farrapos.”. (LEVI, 2016, p.29). Para o italiano essas particularidades no tratamento aos judeus eram deliberadas e não meramente casuais, elementos constituintes da máquina de desumanização nazista. O processo de



enlouquecimento, humilhação e inferiorização não era tocante apenas aos prisioneiros, ele também afetava aqueles que eram obrigados a fazer parte dos esquadrões especiais:

[...] o horror intrínseco dessa condição humana impôs a todos os testemunhos uma espécie de pudor; por isso, ainda hoje é difícil construir uma imagem do que “significava” ser forçado a exercer esse ofício durante meses. Alguns testemunharam que aqueles desgraçados dispunham de uma grande quantidade de bebidas alcoólicas, encontrando-se permanentemente num estado de embrutecimento e prostração total. Um deles declarou: “Ao fazer este trabalho, ou se enlouquece no primeiro dia, ou então se acostuma.”. Mas outro disse: “Por certo, teria podido matar-me ou me deixar matar; mas eu queria sobreviver, para vingar-me e para testemunhar. Vocês não devem acreditar que nós somos monstros: somos como vocês, só que muito mais infelizes.” (LEVI, 2016, p.40\41)

A situação dos esquadrões relatada por Levi demonstra que o mal praticado nos campos de extermínio se irradiava a todos: a quem o recebia por meio da violência, que poderia sofrer até morrer no campo ou sobreviver ao campo e sofrer o resto de sua vida com as memórias do horror. E também a quem as praticava, condenado a uma culpa eterna por ter contribuído com a violência praticada em uma das maiores barbaridades já vistas pela raça humana.

Adrián Cangi ao tratar sobre os infínitos meios de violência e tortura praticados nos campos, desnuda uma nova face desse processo, a coisificação, pela linguagem com que eram nomeados e descritos os prisioneiros pelos soldados: “Talvez, sim, experimentaram sentimentos para com suas vítimas, mas profundamente governados por uma razão instrumental, sustentada na eficiência. Isto pode ler-se no interior mesmo da linguagem administrativa, em sua máxima coisificação.” (CANGI, 2003, p. 152). Para Cangi a forma com que os prisioneiros eram mortos por meio da desnutrição, violência ou pelo extermínio premeditado nas câmaras de gás demonstra: “A coisificação e a burocratização absoluta da morte revelam um nível de reificação do humano extremo; entretanto, não deixamos de ver ali a ‘coisa odiada’ em sua dupla condição.” (CANGI, 2003, p. 154). Esse procedimento de levar a indivíduo humano ao estado de objeto, a total reificação, será relatado por Levi, acerca das matérias corporais retiradas dos prisioneiros que eram condenados a morte:

Essa crueldade é sem objetivo aparente, mas altamente simbólica, estendia-se justamente porque simbólica, aos despojos humanos após a morte: aqueles despojos que toda civilização, a partir da mais longínqua pré-história, respeitou, honrou e às vezes temeu. O tratamento a que eram submetidos nos Lager que expressa que não se tratava de restos humanos, mas de matéria bruta, indiferente, boa no melhor dos casos para alguns empregos industriais. Suscita horror e estremecimento que depois de decênios, a vitrina dos museus de Auschwitz onde estão expostos, desordenadamente, aos montes, os cabelos das mulheres destinadas ao gás do Lager: o tempo descoloriu e corrompeu, mas continuaram a murmurar diante do espectador sua muda acusação: essa insólita mercadoria era adquirida por algumas indústrias têxteis alemãs, que usavam para a confecção de anagem e de outros tecidos industriais. É pouco provável que os utilizadores não soubessem de qual material se tratava. É igualmente pouco provável que os vendedores, ou seja, as autoridades dos SS do Lager, não tirassem disso um lucro efetivo; sobre a motivação do lucro prevalecia aquela do ultraje. (LEVI, 2016, p.101)



A utilização de tais despojos será comentada por Cangi, que considera tal ação uma forma de gerir os corpos dos prisioneiros como se tratassem de coisas. Além disso, o estudioso faz menção aos casos de investigação biológica e genética realizados dentro dos campos de extermínio. E, ainda, a utilização de restos humanos para fabricar sabão e fertilizantes, ou mesmo a retirada de dentes de ouro que eram depositados em bancos alemães como forma de moeda.

Nesse destino de coisificação inusitada da vítima, encontra-se acaso a confirmação mais extrema de nossa hipótese sobre a mais radical negação da violência no ideal de extermínio, já que a objetificação da vítima faz, inclusive, indigna de inspirar os mais primitivos desejos ou sentimentos humanos. (CANGI, 2003, p. 150)

A mesma objetificação será observada em vários dos relatos e obras acerca dos abusos ocorridos durante a ascensão do nazismo. Um exemplo brutal será citado por Hannah Arendt em sua famosa obra *Eichmann em Jerusalém* (1963): “*Rassenschande*, a relação sexual com judeus, era talvez o maior crime que um membro da SS podia cometer, embora durante a guerra o estupro de moças judias tenha se tornado o passatempo favorito no front” (ARENDR, 1999, p.42). Além dos crimes sexuais, por si só tão bárbaros, havia também a coisificação dos judeus que eram vendidos como se fossem uma espécie de mercadoria. O preço por sua fuga era serem vistos como objetos por parte de alguns governantes:

Descobriu-se então que era possível vender judeus no exterior, em moeda forte, de forma que os romenos se tornaram adeptos fervorosos da emigração judaica – a 1300 dólares por cabeça. Foi assim que a Romênia veio a ser uma das poucas vias de escape para a emigração judaica para a Palestina durante a guerra. [Antonescu] Ele foi o primeiro a privar os judeus de uma nacionalidade, ele começou os massacres em larga escala abertamente e sem vergonha numa época em que os nazistas ainda estavam ocupados com seus primeiros experimentos. Ele teve a ideia de vender judeus mais de um ano antes de Himmler oferecer “sangue em troca de caminhões” (ARENDR, 1999, p.213)

Cangi destacará, ainda, como parte desse processo a forma com que os cadáveres eram totalmente desrespeitados, amontoados, retirados os dentes e a arcada, jogados em valas comuns ou mesmo expostos a céu aberto: “a reificação dos corpos e a abjeção do cadáver e suas partes chegam ao presente como saldo do funcionamento da fábrica. Esse outro planeta não admite nenhuma descrição, nenhum documento visual pode alcançar a dimensão alucinatória daquela mise-en-scènes.” (CANGI, 2003, p. 162). Para o estudioso desde a chegada em Auschwitz os indivíduos eram iniciados nesse sistema por meio da “objetificação do corpo tatuado, numerado, despojado de sua propriedade e danificado inigualavelmente é refratária as imagens.” (CANGI, 2003, p. 162) De acordo com Primo Levi, esse método iniciado na chegada dos prisioneiros contém um sentido ainda mais horrendo e grotesco, não só o desrespeito à religião dos judeus, mas uma tentativa de “animalizá-los”, com métodos semelhantes aos realizados com o gado destinado ao matadouro:



Até setembro de 1944 não existiam crianças em Auschwitz: eram todas mortas a gás na chegada. Depois dessa data, começaram a chegar famílias inteiras de poloneses, detidos aleatoriamente durante a insurreição de Varsóvia: todos eles foram tatuados, inclusive os recém-nascidos. A operação era pouco dolorosa e não durava mais que um minuto, mas era traumática. Seu significado simbólico estava claro para todos: este é um sinal indelével, daqui não sairão mais, essa é a marca que se imprime nos escravos e nos animais destinados ao matadouro, e vocês se tornaram isso. Vocês não têm mais nome: este é o seu nome. A violência da tatuagem era gratuita, um fim em si mesmo, pura ofensa: não bastavam os três números de pano costurados nas calças, no casaco e no agasalho de inverno? Não, não bastavam, era preciso algo mais, uma mensagem verbal, afim de que o inocente sentisse escrita na carne sua condenação. Tratava-se também de um retorno a barbárie, tanto mais perturbador para os judeus ortodoxos; de fato, justamente para distinguir os judeus dos ‘bárbaros’, a tatuagem é vedada pela lei judaica. (LEVI, 2016, p.97)

O processo de tentativa de “animalização” dos judeus também será tratado por Berta Waldman, em seu texto “BADENHEIM, 1939: Ironia e alegoria.” (2003). Ao analisar a obra *Badenheim, 1939* (1978), de Aharon Appelfeld, a estudiosa destaca que logo no primeiro plano narrativo é verbalizada por meio das lembranças da infância da personagem judia, na Polônia, a ideia de que o isolamento dos judeus ocorreu devido a uma espécie de intoxicação, doença ou epidemia. “A ideia de epidemia, de intoxicação, remete aos discursos nazistas que se referiam aos judeus como ‘ratos’, ‘parasitas’, ‘bacilos’, ‘agentes de contaminação’. Combatê-los era um ‘imperativo da natureza’, uma ‘necessidade biológica’.”. (WALDMAN, 2003, p. 181). Para Waldman, a arte exige certa intensificação e os artifícios narrativos utilizados pelo escritor israelense em sua obra buscaram trazer a história vivida pelos judeus para a realidade.

Esse processo de tentativa de “animalização” dos prisioneiros judeus será descrito em várias passagens do relato de Levi: “vivêramos durante meses ou anos num nível animalesco: [...] Esquecêramos não só nossos pais e nossa cultura, a família, o passado, o futuro que nós havíamos proposto, porque, como os animais, estávamos restritos ao momento presente.”. (LEVI, 2016, p.59-60). Em outra passagem o italiano faz referência a forma como eram tratados os prisioneiros que não entendiam as ordens gritadas pelos soldados da SS: “[a ordem] era repetida em voz alta e enfurecida, depois berrada a plenos pulmões, como se faria com um surdo, ou melhor, com um animal doméstico, mais sensível ao tom do que ao conteúdo da mensagem. Se alguém hesitava [...] vinham os golpes.” (LEVI, 2016, p.75\76). Mas as passagens que parecem ser mais dolorosas para Levi e intensificam o quão horrendo seria esse processo de tentativa de “animalização” dos judeus pelos guardas alemães, era o momento de evacuar: “Não era fácil nem indolor habituar-se e enorme latrina coletiva, ao limite de tempo estrito [...]... [com o tempo adquiriam] o costume, o que é um modo caridoso de dizer que a transformação de seres humanos em animais já estava a meio caminho.”. (LEVI, 2016, p.91). A necessidade fisiológica humana que será utilizada como forma de rebaixamento e humilhação, se tornava ainda mais grave nos trens que transportavam os judeus deportados de seus países para os campos de Auschwitz. Em que propositalmente os alemães tolhiam os judeus das mínimas condições de sobrevivência e higiene dentro do meio de transporte:



os alemães não dão nada de graça, mas são bons organizadores... Ninguém pensou em dotar cada vagão com um recipiente que servisse como latrina, e este esquecimento se revelou gravíssimo: provocou uma aflição muito pior do que a sede e o frio. [...] evacuar em público era algo angustioso ou impossível: um trauma para o qual nossa civilização não nos prepara, uma ferida profunda infligida à dignidade humana, um atentado obscuro e cheio de presságios; mas também sinal de uma malignidade deliberada e gratuita. [...] O comboio foi parado duas ou três vezes em pleno campo, as portas e vagões foram abertas, permitindo-se que os prisioneiros descessem [...] Os SS da escolta não escondiam seu divertimento ao ver homens e mulheres agacharem-se onde podiam, nas plataformas, no meio dos trilhos; e os passageiros alemães exprimiam abertamente o seu desgosto: gente como essa merece seu destino, basta ver como se comportam. Não são *Menschen*, seres humanos, mais animais, porcos; é evidente como a luz do sol. (LEVI, 2016, p.91\92)

É o pavor e a aversão causados por esses relatos que demonstram a desumanização, levada ao seu limite, que indicam a necessidade de um estudo e um diálogo contínuo acerca dos horrores cometidos pelo nazismo.

### 3 CONCLUSÃO

O estudo da história por meio de testemunhos, relatos, catástrofes e ruínas, pregado por Benjamin é necessário para que tais atrocidades não se repitam. Primo Levi comenta que quando questionado sobre quem eram esses guardas da SS, que praticavam atos medonhos provocando dor e sofrimento, ele responde que eram pessoas normais, da classe média, educadas durante a república Weimar. O fato do nazismo ter sido apoiado e ter proliferado em um país com uma população considerada tão desenvolvida, culta e moderna, faz com que o italiano chame a atenção para a probabilidade de que eventos históricos catastróficos como esse se repitam. Sabe-se que o nazismo conseguiu ascender ao poder em um momento em que a Europa passava por uma grande crise econômica e política, que levou boa parte das nações e da população a miséria, ao desemprego e a fome. O sobrevivente de Auschwitz destaca a importância de, em momentos de crise, se desconfiar dos grandes profetas, dos salvadores que discursam belas palavras prometendo resolver todos os problemas. “Poucos países podem dizer-se imunes em relação a uma futura onda de violência, gerada pela intolerância, pela vontade de poder, por razões econômicas, por fanatismos religiosos ou políticos, por atritos raciais.”. (LEVI, 2016, p.164). Portanto, em um momento contemporâneo em que as eleições de países como os Estados Unidos, a Alemanha e o Brasil trazem à tona “novos” discursos extremistas, violentos e, muitas vezes, diretamente associados ao discurso fascista, é inegável a importância do estudo de obras como a de Primo Levi, para que a catástrofe não se repita sob nossos olhos.



**REFERÊNCIAS**

- ADORNO, Theodor. “Educação Após Auschwitz”, In: Educação e emancipação. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- ARENDT, Hannah. Eichmann em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das letras, 1999.
- BENJAMIN, Walter. O anjo da história. Organização e tradução de João Barrento. 2ª edição; Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- CANGI, Adrián. “Imagens do horror. Paixões tristes.” In: História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes. \ Márcio Seligmann-Silva (org.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- FERNANDES, Claudio. “Pacto Germano-Soviético”. Disponível em:  
<https://historiadomundo.uol.com.br/idade-contemporanea/pacto-germano-sovietico.htm> - último acesso em 24 de novembro de 2018.
- HARTMAN, Geoffrey. “Holocausto, testemunho, arte e trauma.” In: Catástrofe e representação; ensaios. Márcio Seligmann-Silva\ Arthur Nestrovski (orgs.). São Paulo: Escuta, 2000.
- LEVI, Primo. Isto é um homem? Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- LEVI, Primo. Os afogados e os sobreviventes. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. 3ª edição. São Paulo\Rio de Janeiro: Paz e terra, 2016.
- LOWY, Michael. Aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant. Tradução das teses por Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lutz Muller. São Paulo: Boitempo, 2005.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Catástrofe e representação; ensaios. Márcio Seligmann-Silva\ Arthur Nestrovski (orgs.). São Paulo: Escuta, 2000.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes. \ Márcio Seligmann-Silva (org.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. O local da diferença: Ensaio sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34, 2005.
- WALDMAN, Berta. “BADENHEIM, 1939: Ironia e alegoria.” In: História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes. \ Márcio Seligmann-Silva (org.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

